

## O Jornalismo Colaborativo como Agente de Transformação Social<sup>1</sup>

Georges Kirsteller Ryoki Inoue<sup>2</sup>

Fernando José Garcia Moreira<sup>3</sup>

Universidade do Vale do Paraíba, São José dos Campos, SP

### RESUMO

O avanço da comunicação instantânea e o acesso às mídias digitais têm contribuído com a formação crítica do cidadão que também pode participar dos processos de criação, desenvolvimento e produção do jornalismo contemporâneo. Entretanto, cabe ao jornalista consolidar fontes e apurar o conteúdo colaborativo antes de publicá-lo. Em síntese, com a criação de um site e reportagens de interesse público, buscou-se apresentar estrutura e modelo de webjornalismo com espaço à divulgação científica, sendo possível a edição de publicações de colaboradores em diversas áreas de trabalho e diferentes campos de pesquisa.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo colaborativo, webjornalismo, divulgação científica

### 1 INTRODUÇÃO

Com a mudança de paradigma atribuída ao jornalismo pós-industrial na convergência das mídias digitais, o leitor deixou de ser receptor para se tornar observador, podendo contar histórias e até atuar como “repórter”, mesmo não sendo preparado para apurar determinada informação, produzir uma reportagem ou gerenciar um espaço editorial.

Em um novo relatório publicado pela *Columbia University*, nos Estados Unidos, com o jornalismo pós-industrial as atuais instituições de comunicação que “quiserem manter ou mesmo aumentar sua relevância, terão de explorar novos métodos de trabalho e processos viabilizados pelas mídias digitais”, (ANDERSON; BELL; SHIRK, 2013) ou poderão “perder receita e participação de mercado”.

Se com apenas um aparelho celular e acesso à rede, qualquer pessoa pode publicar informações em uma página de notícia, percebe-se assim, que a presença de jornalistas com experiência em plataformas de edição e publicação online torna-se necessária.

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Jornalismo, modalidade JO07

<sup>2</sup> Aluno líder recém-graduado no Curso Comunicação Social/Jornalismo da Faculdade de Ciências Aplicadas e Comunicação FCSAC/UNIVAP - Universidade do Vale do Paraíba, email: georges@ryoki.com.br.

<sup>3</sup> Professor orientador do trabalho do Curso de Jornalismo, email: fmoreira@bighost.com.br.

Do mesmo modo deve acontecer para a aplicação de regras e técnicas editoriais em intercâmbio com o interesse público, considerando que a abertura de conteúdo em formato digital oferece recursos gratuitos de publicação, podendo comprometer a qualidade da notícia, exigindo mais atenção do veículo em relação ao seu público-leitor que também se tornou repórter-cidadão.

Por essa razão os processos coletivos e as ferramentas colaborativas disponíveis nos meios digitais, contribuíram com a valorização e especialização do jornalista como agente transformador da sociedade em intercâmbio com o público. Nesse sentido, o jornalismo ganha mais força com as novas tecnologias, fomentando informação instantânea e recursos interativos que atraem as pessoas cada vez mais conectadas e participativas.

Visto que é importante abrir uma discussão contextualizada com a evolução da comunicação em massa e o jornalismo em rede, foi possível observar que a crise econômica mundial e a revolução da internet têm sido dois dos principais fatores para o crescimento do consumo colaborativo, incluindo a informação publicada e compartilhada, seja pela imprensa oficial, alternativa ou mesmo pelo próprio consumidor de notícias que representa o leitor, ouvinte, telespectador ou usuário de internet.

Ademais, o trabalho de um jornalista, publicitário ou profissional de rádio e TV, requer métodos de apuração e produção editorial e deve ser pautado pela ética e compromisso incorruptível com a sociedade. Por conseguinte, alguns pilares e preceitos básicos que diferenciam uma ditadura de uma democracia, entre eles, o direito à manifestação e à liberdade de imprensa, o presente estudo buscou tratar o jornalismo colaborativo como prática importante no exercício democrático e na difusão da ciência.

Diante da necessidade de discutir, de forma pontual, a relação existente entre política e comunicação, é possível estabelecer uma comparação entre o modelo de construção de uma realidade quando submetida à censura, e como tem sido construída por organismos comunicacionais, no que tange os interesses econômicos e sociais resultantes do jornalismo.

É correto afirmar, portanto, que a capacidade de persuadir com mecanismos sensoriais com efeito de despertar a emoção na tentativa de controlar e minimizar a opinião pública, revelam que dentre as teorias da cientista e socióloga alemã, Elisabeth Noelle-Neumann, os modelos hipodérmicos têm sido utilizados na imprensa desde sua concepção. A teoria definida em 1970, consegue explicar um dos motivos em relação a ausência, por parte da grande mídia, quanto a disponibilizar maiores espaços e tempo para veiculação de

notícias de interesse público, bem como sobre as mais diversas pesquisas na área da ciência e sociologia. (Noelle-Neumann apud MIDÕES, 2008).

Com base nessa reflexão e na experiência comunicacional em curso, surgiu o interesse de criar um *site* de conteúdo colaborativo, utilizando a reportagem “Estacionados no tempo”, publicada na seção de “Serviços” do *site* JornalismoColaborativo.com, que atribui voz à comunidade, chamando ainda mais a atenção dos órgãos e instituições legais para um problema de apropriação indevida de área pública em São José dos Campos.

Em outro exemplo, desta vez, na seção de “Divulgação Científica”, a reportagem “A Cura do Alcoolismo”, cumpriu com seu papel de informar ao leitor, as consequências do alcoolismo e os novos tratamentos cientificamente comprovados que inibem a vontade de beber. Desse modo, buscando relatar de forma objetiva, experimentou-se apresentar as versões dos fatos, diferenciar opinião de informação e apresentar dados comprovativos.

## 2 OBJETIVO

A premissa deste estudo foi basicamente estimular o processo de transformação social por meio do jornalismo colaborativo, de modo que o impacto gerado tenha sido o suficiente para despertar no próprio indivíduo o interesse pelo conhecimento ou ainda acionar órgãos e instituições responsáveis em agir legalmente diante das necessidades de um cidadão ou mesmo a comunidade da qual ele faz parte. A fim de sustentar tais afirmações, buscou-se produzir reportagens com foco no processo de transformação social e que refletem o objetivo geral do trabalho que é justamente praticar o webjornalismo livre de amarras comerciais, voltado ao conhecimento científico e principalmente à sociedade.

Assim, os objetivos específicos deste trabalho são:

1. Orientar e estimular jornalistas, inclusive empreendedores, sobre a geração de pesquisas e oportunidades, por meio de uma rede de colaboradores especialistas, principalmente na área de comunicação social.
2. Utilizar recursos e meios disponíveis atualmente na internet para fomentar a importância da discussão democrática e a colaboração social.
3. Desenvolver métodos e soluções para criar canais que sirvam de alternativa, a fim de evitar a alienação ou formação distorcida de fatos e opiniões a partir de uma única agenda noticiosa, quase sempre controlada por apenas um ou outro grupo empresarial de comunicação que detém a maior parte da audiência.

### 3 JUSTIFICATIVA

Um site de conteúdo colaborativo, sobretudo formado por estudantes de jornalismo, pesquisadores e especialistas de outras áreas de interesse público, poderia estimular a divulgação científica e a publicação de notícias com relevância informacional e mais apuradas, uma vez que os colaboradores especialistas tratariam os dados com maior profundidade. Haja vista, sites como o objeto deste trabalho, poderiam funcionar também como ferramentas que facilitam a distribuição de pautas e o direcionamento de uma linha editorial ética e livre.

Considerando esses aspectos, a análise de público, definições e conceito dos modelos relacionados com a distribuição e publicação de conteúdo online, tornar-se-ia possível apresentar soluções para a criação de mais canais abertos de informações e notícias como alternativa de evitar o fenômeno conhecido no jornalismo científico como “espiral do silêncio”<sup>4</sup>, que se forma na ausência de outros espaços midiáticos além da TV ou grandes veículos de comunicações já consolidados na imprensa.

Com o desenvolvimento deste trabalho, foi possível observar que a colaboração social é fundamental no jornalismo. Neste sentido, em sua acepção mais lata, segundo Chinoy (1967), “a sociedade não tem fronteiras nem limites assinaláveis”. Apesar de sua importância, Chinoy ainda estabelece que “os homens vivem juntos e partilham de opiniões, valores, crenças e costumes comuns, mas também interagem continuamente”.

Diante da explosão das redes sociais, integradas com uma avalanche de ferramentas e aplicativos de publicação digital, o caráter noticioso de uma informação sofreu transformações que refletem diretamente na qualidade da informação pública.

Os adolescentes equipados com confessionários eletrônicos portáteis são apenas aprendizes treinando e treinados na arte de viver numa sociedade confessional – uma sociedade notória por eliminar a fronteira que antes separava o privado e o público, por transformar o ato de expor publicamente o privado numa virtude e num dever público [...] (BAUMAN, 2008, p. 9)

---

<sup>4</sup> Quanto mais uma opinião expressa como aquela dominante tiver representatividade e repercussão, menos as opiniões minoritárias tendem a ser transmitidas. Esse movimento ocorre porque a expressão dominante surge como forma de opressão da opinião contrária àquela vigente. (SILVA, 2011, p.35)

Por outro lado, durante a pesquisa bibliográfica, observou-se que este conceito de superficialidade ou de sociedade líquida empregado pelo autor, podem favorecer ideias de sentido revolucionário ou que tenham alguma projeção política e impacto social. Isso tende a gerar muitas discussões e debates.

A necessidade de um editor ou conselho editorial que deveria também colaborar com a informação, tornando a notícia credível e não apenas atuar como filtro de informação foi muito adotada por veículos de comunicação quando, antes das mídias digitais, os receptores eram mais suscetíveis à manipulação, por meio de uma linha editorial ou enfoque fabricado a partir de técnicas de agendamento dos fatos noticiosos estabelecidos por *gatekeepers*<sup>5</sup>, no processo conhecido como *agenda-setting*<sup>6</sup>. Tal fenômeno limita a diversidade, bem como o pensamento epistêmico. Haja visto, a busca natural pelo conhecimento científico faz parte da psicologia humana.

Segundo Pena, “por essa teoria, só viram notícia aqueles acontecimentos que passam por um portão (*gate*). E quem decide isso é uma espécie de porteiro ou selecionador (o *gatekeeper*), que é o próprio jornalista. (PENA, 2005, p. 133-135).

Ao supor que as técnicas de agendamento têm o efeito de propositadamente modelar uma notícia sem necessariamente refletir a realidade de diferentes enfoques ou novos fatos relevantes, é possível contextualizar com a autora Anna Cecilia Faro Bonan ao resumir as teorias hipodérmicas, quando descreve que:

"Os donos das mídias acabam por concentrar um ‘quarto poder’ que, com a formação da opinião pública, possui alta permeabilidade na sociedade e passa a ditar regras sociais. Via de regra a imprensa já atua com uma enorme margem de subjetividade para definir o que é de interesse público através da edição de uma *agenda-setting*, o que a torna controladora dos debates públicos e das informações a serem reveladas. (BONAN, 2015, p. 29)

No capítulo “O estudo dos efeitos a longo prazo”, em “Teorias da Comunicação”, Mauro Wolf (1995), descreve a hipótese de agendamento, abordando o conceito, as características, efeitos e críticas sobre o assunto, ao observar que apesar deste modelo ter estabilidade nos grandes veículos comunicacionais, possui grande dificuldade quanto a verificação empírica ao informar à sociedade, sobre um determinado fato noticioso.

---

<sup>5</sup> A metáfora do gatekeeping surgiu a partir de uma comparação acerca da escolha entre o que vai ou não para a mesa, sendo selecionado como alimento, e o que deve ser ou não considerado como notícia no mercado da comunicação. (LEWIN, 1943, p.35-65)

<sup>6</sup> Agenda-setting é um conjunto integrado de pressupostos e de estratégias de pesquisa que passa pelo *gatekeeper*. (WOLF, 1995, p.62)

Na era digital, em que as informações são mais fragmentadas, mudanças tecnológicas, econômicas e comportamentais alteraram significativamente a forma como as pessoas se comunicam e por consequência, ainda há uma lacuna de conhecimento no acesso e habilidades de muitos jornalistas com as ferramentas digitais, constituindo um desafio para suportar e acompanhar o ritmo de um público moderno e habituado com o fluxo de notícias e informações geradas o tempo todo.

De acordo com o relatório “The Information Needs of Communities in a Democracy” da *Knight Foundation* (2011), para encorajar as pessoas a se envolverem e reportarem informações sobre suas comunidades, é preciso melhorar o acesso e a capacidade de instruir o cidadão como ator social apto com as novas ferramentas comunicacionais. Além disso, o órgão também defende algumas recomendações para estimular a democracia por meio do jornalismo participativo e comunitário. O relatório reforça que o ensino superior, a comunidade e as instituições sem fins lucrativos, podem e devem aproveitar a oportunidade da evolução comunicacional, que vem ocorrendo desde a virada do milênio, estimulando a cultura científica e a atividade jornalística a partir das comunidades locais.

Um olhar no passado ilustra a importância da colaboração para a formação cultural da humanidade, posto que, desde o início, quando os sumérios desenvolveram a escrita cuneiforme, o homem descobriu que o conhecimento compartilhado tem mais valor e efeito do que, simplesmente, guardado para si. Foi durante as fases dos períodos paleolítico, mesolítico e neolítico que o ser humano conseguiu vencer as barreiras impostas pela natureza e se aproveitou disso para transformar matéria-prima e aprimorar outras habilidades. Logo, com o surgimento da escrita os primeiros registros de comunicação sobre acontecimentos vividos em diferentes períodos, puderam ser copiados e traduzidos ao longo da história, servindo como precioso material de conhecimento para a comunidade científica.

“Com a escrita, o homem venceu definitivamente o tempo e, mais ainda, venceu o espaço. Ela permitiu a fixação do conhecimento num substrato material, mantendo-o disponível ao longo do tempo para sucessivas e inúmeras gerações, e, simultaneamente, admitiu a disseminação do conhecimento à distância pelo transporte daquele substrato.” (COSTELLA, 2001, p.15)

Dois séculos depois que o alemão Johannes Guttenberg apresentou a máquina de impressão, o sentido de coletividade entre povos para a difusão do conhecimento, já era

bastante presente na Europa. Em 5 de janeiro de 1665, a colaboração entre a imprensa francesa e a imprensa inglesa resultou no lançamento de um boletim que ficou conhecido como *Le Journal des sçavans* (O Jornal de Cientistas) e dois meses depois, em 6 de Março, foi lançada a primeira edição da *Philosophical Transactions of the Royal Society* (Operações Filosóficas da Sociedade Real), tornando-se a primeira revista no mundo dedicada exclusivamente à ciência. Tendo como objetivo funcional de justamente informar à sociedade e leitores interessados em recentes descobertas, *Philosophical Transactions* dividiu-se em pares que abrangem as ciências físicas e as ciências da vida, respectivamente e estão disponíveis no site [RoyalSocietyPublishing.org](http://RoyalSocietyPublishing.org) que permite às instituições, financiadores e empresas acadêmicas, o acesso aberto em trabalhos acadêmicos de ciência e comunicação para jornalistas e pesquisadores.

Outrossim, o surgimento da imprensa viabilizou o acesso à informação que difundiu-se durante a revolução industrial, tornando-se disponível em escala global. Cada vez menos palpável e mais digital, a sociedade passou a usar uma nova forma de escrita, a partir do avanço tecnológico: a escrita virtual. Nesse aspecto, a escrita hoje, abrange os mais variados meios de acesso à informação e do conhecimento científico.

Diante desse cenário em constante processo de evolução, a Divulgação Científica e o Jornalismo Científico, apesar de próximos, diferem um do outro. É preciso, no entanto, considerar que apesar de ambos exercerem a premissa de democratizar informações de interesse público, somente o Jornalismo Científico tem a possibilidade de noticiar fatos relevantes sobre inovações, pesquisas e conceitos de ciência e tecnologia. A rigor, para que o Jornalismo Científico tenha sucesso no cumprimento da Divulgação Científica, deve necessariamente obedecer e seguir o padrão de produção jornalística. Mas nem toda a Divulgação Científica se confunde com Jornalismo Científico. Tendo como objetivo alcançar os próprios pesquisadores, cientistas e especialistas, determina-se a Disseminação Científica como uma outra modalidade de difusão de ciência e tecnologia.

Destarte, o Jornalismo Científico, a Divulgação Científica e a Disseminação Científica são termos de diferentes conceitos que fazem parte de um amplo processo de difusão científica e que podem ser aproveitados pelo Jornalismo Colaborativo ao contribuir também com o processo de transformação social por meio da cultura científica.

## 4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A metodologia empregada neste trabalho teve como base a pesquisa bibliográfica e documental a partir de referências de autores e pesquisadores acerca do tema. Por conseguinte, buscou-se usar exemplos de reportagens com foco no processo de transformação social publicadas no site [www.jornalismocolaborativo.com](http://www.jornalismocolaborativo.com), objeto de estudo deste trabalho.

Em uma primeira etapa, foi realizada a pesquisa do nome e endereço “www” (*World Wide Web*) para o site Jornalismo Colaborativo. Utilizou-se o Registro.br (<http://registro.br>), ferramenta online vinculada ao “Comitê Gestor da Internet no Brasil” e a ferramenta de pesquisa de domínios do site *Hostgator* (<http://hostgator.com.br>) que, diferente da primeira, esta possibilitou o registro internacional do endereço <http://www.jornalismocolaborativo.com>.

Por conseguinte, com a ativação do registro e a hospedagem contratados, para o administrador do site, tornou-se possível o acesso a um ambiente de gerenciamento da conta no servidor hospedado que recebe o nome de “Cpanel”, com guias explicativas, suporte com atendimento online e autonomia para configurações, atualização e manutenção de todos os arquivos do site, desenvolvido inteiramente por meio de tradicionais plataformas de código aberto com gerenciamento de conteúdo digital.

Visto que os mecanismos analógicos do jornalismo do século passado, convergiram-se aos padrões digitais de comunicação e com isso, é natural aumentar a necessidade do profissional em saber lidar com as novas práticas existentes da mídia digital, o site foi desenvolvido a partir de ferramentas e procedimentos simples que podem ser normalmente manipulados por jornalistas com noções básicas atribuídas à profissão, uma vez que o profissional de comunicação contemporâneo deve possuir características multidisciplinares para atuar na área e ser bem sucedido no competitivo mercado de trabalho.

## 5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O nome do site foi definido a partir de um importante reforço subliminar, aproveitando o mecanismo psicofisiológico denominado de memória cinestésica, em que o indivíduo que já tenha escutado ou visto uma vez algo sobre jornalismo colaborativo, chame à memória a primeira impressão, fazendo com que a imagem desta se fixe ainda



mais no subconsciente: o “Jornalismo Colaborativo”. Posto que, o grande número de textos e pesquisas acerca deste tema são frequentemente publicados, isso possibilita a fixação subliminar do termo “jornalismo colaborativo”, impedindo o esquecimento e facilitando a corticalização da lembrança, levando-a para níveis conscientes e não mais apenas subliminares. Com isso, é permitido afirmar que cada uma dessas publicações na mídia digital, bem como em veículos impressos, rádio ou TV, podem servir perfeitamente de alavanca para o site [JornalismoColaborativo.com](http://JornalismoColaborativo.com), considerando o fato de que a própria nomenclatura deste remete diretamente aos assuntos pertinentes ao termo registrado.

Assim, quando houve a ideia de articular a proposta de um "novo" modelo colaborativo de jornalismo, buscou-se desenvolver uma espécie de manual para estudantes que, apesar de leigos em lógica de programação e desenvolvimento de sistemas de gerenciamento de conteúdo, pudessem também empreender com a criação de um site ou blog de notícias, a partir deste trabalho.

## 6 CONSIDERAÇÕES

A mudança para um novo modelo de jornalismo, em que os espaços colaborativos acolhem os cidadãos da mesma maneira que profissionais de comunicação, mostrou-se bastante eficaz, apresentando resultados promissores durante a aplicação de pesquisa com os envolvidos nos acessos e participação no site.

Ainda dentro deste novo modelo, o estudo proposto observou que a rotina editorial que compete essencialmente ao jornalista é fator determinante para garantir a qualidade da publicação de conteúdo advindo de plataformas colaborativas como foi tratado o objeto em questão. O que sugere a necessidade deste profissional manter-se sempre atualizado com as novas tecnologias que operam nas mídias digitais, onde estão concentradas informações e notícias dos mais diversos segmentos.

O grande desafio e inovação como eixo de proposta foi a mudança de práticas analógicas de trabalho que remete ao modelo físico ou *in loco* de investigação para as práticas digitais em um ambiente aberto de colaboração e geração de novos conteúdos. Visto que, o sucesso de um site requer muitas vezes alto investimento em tecnologia da informação e tempo de desenvolvimento, o [JornalismoColaborativo.com](http://JornalismoColaborativo.com) não exigiu uma grande demanda, uma vez que baseou-se no estudo e aplicação de códigos e sistemas pré-definidos disponíveis gratuitamente na internet.

Em consequência deste, comprovou-se que o acesso à informação com maior variedade e abertura de canais especializados em diferentes assuntos, como ocorre no meio digital com sites verticais, segmentados por temas, aproxima e mobiliza a participação social ao mesmo tempo que exige cada vez mais a presença de um jornalista, uma vez que faz-se necessário a aplicação de métodos editoriais para a construção e direcionamento de saberes. Conclui-se, portanto, que a compreensão e os avanços tecnológicos de mecanismos e técnicas editoriais vem ao encontro do jornalismo colaborativo, ou seja, constitui-se uma nova interpelação comunicacional, unindo ciência e cultura.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, C. W.; BELL, E.; SHIRKY, C. *Post-Industrial Journalism: Adapting to the Present*. Columbia University, New York, 2014. Acessado em 01/05/2016. Disponível em [http://towcenter.org/wp-content/uploads/2012/11/towcenter-Post\\_Industrial\\_Journalism.pdf](http://towcenter.org/wp-content/uploads/2012/11/towcenter-Post_Industrial_Journalism.pdf)

COSTELLA, Antonio F., *Comunicação - do grito ao satélite: História dos meios de comunicação*. Ed. Mantiqueira, 2001.

CHINOY, Ely. *Sociedade - Uma introdução à sociologia*. Ed Cultrix. São Paulo, 1967

BAUMAN, Z. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Ed. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2008

BONAN, Anna Cecilia Faro. *Antimonia na hidráulica da democracia. A hermenêutica dos vazamentos. Insight Inteligência*. Rio de Janeiro, Ano XVIII, n.70, 2015.

MIDÕES, Miguel. *Caso Esmeralda e a Espiral do Silêncio* de Elisabeth Noelle-Neumann. 2008. Acessado em 08 de junho de 2015. Disponível em <http://bocc.ubi.pt/pag/midoes-miguel-caso-esmeralda-espiral-do-silencio.pdf>.

PENA, Felipe. *Teoria do Jornalismo*. Ed. Contexto. São Paulo, 2005.

WALDMAN, Steven. *The Information Needs of Communities, 2014*. Disponível em [https://transition.fcc.gov/osp/inc-report/The\\_Information\\_Needs\\_of\\_Communities.pdf](https://transition.fcc.gov/osp/inc-report/The_Information_Needs_of_Communities.pdf). Acessado em 8 de outubro de 2014.

WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. Ed. Presença, Lisboa, 1995.